

Eixo-temático: avaliação e gestão educacional

AUTOAVALIAÇÃO INSTITUCIONAL: A MOBILIZAÇÃO DA COMUNIDADE NA DEFINIÇÃO DE INDICADORES DE QUALIDADE

Julio Gomes ALMEIDA – Universidade Cidade de São Paulo
(gomes_almeida@uol.com.br)

Janete Ribeiro NHOQUE – Universidade Cidade de São Paulo (jnhoque@uol.com.br)

Resumo:

Este artigo apresenta os resultados finais da pesquisa “Autoavaliação Institucional: a construção de indicadores que possibilitem o diálogo com as avaliações externas”, que teve como objetivo investigar a possibilidade de desenvolvimento de um projeto de autoavaliação institucional com vista a construir indicadores de avaliação que permitissem o diálogo com as avaliações externas e buscou-se construir estes indicadores a partir da mobilização comunidade escolar para que, assim, fossem reconhecidos como indicadores válidos também para avaliar sua colaboração na melhoria da qualidade da educação oferecida pela escola. Para tanto a metodologia situou-se no campo da abordagem quanti-qualitativa e a produção de dados se deu por meio de estudos teóricos e documentais, proposição de um questionário aos diversos segmentos da comunidade escolar e a experiências dos pesquisadores enquanto gestores educacionais. Foram utilizados como referência dois artigos, um elaborado pelo MEC/SECAD/DAIE e outro elaborado pelo mesmo ministério em parceria com a UNICEF, INEP e a Ação Educativa sobre elaboração de indicadores e autores que discutem temas do campo da avaliação. Os dados revelam que avaliar a qualidade da educação oferecida por uma escola é avaliar suas práticas, sua cultura e considerar o que dizem aqueles que nela atuam e que dela usufruem, além do papel que ela representa para aquela comunidade e o território onde está localizada.

Palavras-chave: Autoavaliação, Avaliação interna, Indicadores de qualidade.

Financiamento: FAPESP

O objetivo deste artigo é apresentar os resultados de uma pesquisa que buscou investigar a possibilidade de construção de indicadores próprios de qualidade por uma unidade escolar que possibilitassem o diálogo com aqueles adotados pelo sistema no qual esta unidade está inserida. Para isso, buscou-se junto aos diversos seguimentos que compõem a comunidade escolar, por meio de amplo processo de mobilização, identificar o que esta comunidade considerava importante ser avaliado na escola, para assim estabelecer um padrão de qualidade que contemplasse a voz de todos os segmentos da escola. A partir deste processo foi possível identificar dimensões de avaliação e os indicadores para avaliar cada um deles.

ALMEIDA, J. G e NHOQUE, J. R. Autoavaliação institucional: a mobilização d2 comunidade na definição de indicadores de qualidade. **Anais do III Congresso Nacional de Avaliação em Educação: III CONAVE**. Bauru: CECEMCA/UNESP, 2014, pp. 1 - 12. (ISBN:)

A pesquisa, intitulada “Autoavaliação Institucional: a construção de indicadores que possibilitem o diálogo com as avaliações externas”, foi desenvolvida em uma Escola Municipal de Ensino Fundamental, localizada na zona leste da cidade de São Paulo, em parceria entre os profissionais da rede pública municipal e o Programa de Mestrado em Educação da Universidade Cidade de São Paulo – UNICID e contou com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa de São Paulo – FAPESP.

A escola onde a pesquisa foi realizada, como todas as escolas situadas nas regiões periféricas das grandes metrópoles, convive no seu cotidiano com problemas relacionados à vulnerabilidade social de seus alunos, com a falta de profissionais preparados para lidar com situações de conflito, com situações de violência, com problemas de aprendizagem dos alunos e formação dos professores, entre outros. Embora convivam com problemas semelhantes elas se diferenciam entre si conforme a tendência dominante nas relações internas que estabelecem entre aqueles que ali convivem e nas relações externas que estabelecem com a comunidade na qual está inserida. Há escolas também que se destacam pela relação de protagonismo que estabelece com os órgãos intermediários e centrais do sistema, mas estas são bem poucas.

Em estudo realizado em 2010 na região de São Miguel Paulista o CENPEC analisa dois tipos de escolas diferentes (CENPEC, 2011). Por um lado analisam um tipo de escola que classificam como exteriorizadoras que se caracterizam por serem mais organizadas, por contarem um corpo de profissionais mais completo e estável, por contar com mecanismos internos de exclusão daqueles que não se adequam a suas normas e principalmente por serem preferidas como local de trabalho pelos profissionais e como local de matrícula das crianças pelas famílias, em suma são as chamadas escolas preferenciais. E por outro as escolas decantadoras têm como características a falta de desorganização, a estrutura física precária, quadro de profissionais incompleto e, sobretudo são preteridas como local de trabalho pelos profissionais e de matrícula das crianças pelas famílias, são as chamadas pelo sistema de escolas vulneráveis ou prioritárias. Contudo essas escolas apresentam maior capacidade de acolhimento dos diferentes, possuem uma atitude bem mais inclusiva que as outras.

ALMEIDA, J. G e NHOQUE, J. R. Autoavaliação institucional: a mobilização d3 comunidade na definição de indicadores de qualidade. **Anais do III Congresso Nacional de Avaliação em Educação: III CONAVE**. Bauru: CECEMCA/UNESP, 2014, pp. 1 - 12. (ISBN:)

Na escola pesquisada verificou-se fortes traços que a aproxima do modelo de escola apresentado como decantador, embora verifique-se também um viés no sentido do modelo exteriorizador. Durante o desenvolvimento da pesquisa formou-se um campo de tensão entre a tendência que procurava encaminhar a escola para um perfil mais excludente, isto é, que busca exteriorizar os problemas e outra tendência que buscava encaminhar a escola para um perfil mais inclusivo, com foco no acolhimento dos alunos e famílias, o que teria como consequência assumir um perfil decantador. Na realidade este parece ser um campo de tensão permanente e para o qual os dados da pesquisa sugerem atenção especial.

Metodologia

A pesquisa foi desenvolvida em duas fases. Na primeira, ocorrida em 2012, foi previsto como metodologia a abordagem qualitativa, e a produção de dados por meio de reuniões semanais, envolvendo os educadores que participam do grupo de pesquisa e com participação quinzenal do pesquisador responsável. Além disso, foram utilizados procedimentos de campo, orientados pelos princípios da pesquisa intervenção. Também foram realizados seminários pelos participantes do grupo para aprofundar conceitos importantes para o desenvolvimento daquela fase da pesquisa. Tais procedimentos foram completados pela proposição de um questionário aos diferentes segmentos da unidade escolar com o intuito de identificar sua percepção sobre as avaliações internas e externas. Vale destacar, nesta fase da pesquisa, um aspecto que emerge como importante quando se fala em desenvolvimento de pesquisa envolvendo aqueles que atuam na educação básica que é a dimensão da formação do pesquisador: Os trechos seguintes colocam em destaque essa dimensão:

Participar deste projeto foi fundamental para dar continuidade em minha formação, uma vez que foi possível utilizar a teoria para compreender o significado de algumas práticas desenvolvidas dentro da escola e também perceber que a reflexão sobre algumas práticas serviu para compreender melhor alguns conceitos teóricos. (Pamela- professora participante de grupo de pesquisa)

O desenvolvimento da pesquisa mostrou que o educador que está atuando na escola básica pode fazer pesquisa. Vivenciar a condição de pesquisadora foi uma experiência bastante enriquecedora, porque mostrou que os educadores que atuam na escola podem ir além da condição de consumidores de conhecimento e assumir a condição de sistematizadores ou mesmo produtores de conhecimento. (Josenilda-coordenadora pedagógica participante do grupo de pesquisa)

ALMEIDA, J. G e NHOQUE, J. R. Autoavaliação institucional: a mobilização da comunidade na definição de indicadores de qualidade. **Anais do III Congresso Nacional de Avaliação em Educação: III CONAVE**. Bauru: CECEMCA/UNESP, 2014, pp. 1 - 12. (ISBN:)

Os dados evidenciaram que no desenvolvimento do projeto os educadores foram paulatinamente assumindo a pesquisa como um instrumento capaz de ajudar na compreensão da sua prática e como um meio de encontrar elementos para melhorá-la. Neste sentido essa primeira fase contribui para a superação de uma dicotomia que, embora muito questionada, ainda está presente na escola, que é a separação entre prática e teoria

Na segunda fase foram incluídos na produção dos dados elementos da abordagem quantitativa, com a produção de gráficos a partir da incidência de respostas a um determinado item, com predomínio ainda dos elementos da abordagem qualitativa na reflexão sobre eles. Nesta fase recorreremos também à reflexão sobre a própria prática como elemento importante na análise dos dados. Foram utilizados como referência dois textos, um elaborado pelo MEC/SECAD/DAIE e outro elaborado pelo mesmo ministério em parceria com a UNICEF, INEP e a Ação Educativa.

A utilização destes documentos apontou que a construção dos indicadores é um ponto importante no processo de avaliação e precisam estar relacionadas aos interesses e necessidades daqueles que vão avaliar. Outro destaque a ser levantado a partir das leituras, se refere a importância de, ao se construir um instrumento para avaliar a qualidade da educação oferecida pela escola, considerar as diversas dimensões que a compõe. Os indicadores, de acordo com as leituras, seriam sinais que revelariam aspectos destas dimensões e a variação destes possibilitaria constatar mudanças nas dimensões. (AÇÃO EDUCATIVA, UNICEF, PNUD, INEP/MEC, 2004, p.5)

Para construir dos indicadores uma das preocupações do grupo foi a de que estes fossem o mais próximo possível da realidade da comunidade escolar, isto é, que fossem indicadores nos quais a comunidade escolar se reconhecesse. Para isso, foi elaborada uma questão que norteou o debate: “*O que uma escola precisa ter para ser considerada boa?*”. Os professores pesquisadores dividiram entre si a incumbência pelo encaminhamento do debate em cada segmento e a partir dos registros das discussões passaram à identificação das dimensões e à definição dos indicadores cuja análise apresentamos a seguir.

1 - Dimensão: Ambiente educativo

ALMEIDA, J. G e NHOQUE, J. R. Autoavaliação institucional: a mobilização d5 comunidade na definição de indicadores de qualidade. **Anais do III Congresso Nacional de Avaliação em Educação: III CONAVE**. Bauru: CECEMCA/UNESP, 2014, pp. 1 - 12. (ISBN:)

A primeira dimensão de avaliação identificada nas manifestações da comunidade escolar foi a dimensão Ambiente Educativo. Nesta dimensão foi possível perceber os itens “*Trabalho da equipe em conjunto*” e “*Disciplina da escola*”, apresentaram um maior número de indicações, como evidencia o Gráfico 1 (p.13). Tal situação pareceu coerente com os discursos que normalmente são proclamados na escola de que é preciso ter disciplina para se ter aprendizagem e que toda equipe escolar deve trabalhar em conjunto. No entanto é possível perceber entre os professores do Fundamental II uma tendência no sentido de maior valorização do trabalho em equipe.

Tal situação parece ter relação com a fragmentação do trabalho nesta etapa devido à quantidade de professores que ministram aulas na mesma sala; a quantidade de professores que não participam do horário coletivo, a cultura de valorização de umas disciplinas em detrimento de outras, etc. Embora o trabalho coletivo tenha sido um dos itens mais indicados verifica-se que grande parte dos professores são optantes pela JBD (Jornada Básica de Trabalho Docente) na qual não está contemplado o horário de trabalho coletivo.

Outro ponto a ser destacado nesta dimensão se refere a baixa quantidade de indicações do item permanência dos educadores na escola. Essa situação contraria os discursos correntes segundo os quais para que se pense e execute um projeto pedagógico consistente é preciso que se conte com uma equipe estável. O baixo percentual de indicações neste item parece colocar em evidência uma tendência corporativista presente na escola. Apontar a necessidade de permanência na escola poderia ser entendido como um questionamento à remoção que se constitui em possibilidade anual de mudança de escola.

Vale destacar que a troca de profissionais durante o desenvolvimento e mesmo durante o ano letivo é constante na rede pública municipal. Essa situação impacta negativamente no trabalho escolar e também teve forte impacto no desenvolvimento da pesquisa, que perdeu bons professores pesquisadores durante o seu desenvolvimento. No caso do trabalho escolar esse impacto relaciona-se tanto com os profissionais inseridos na dinâmica escolar e que deixam o processo quanto aos que chegam empenhados em transplantar práticas concebidas e desenvolvidas em outros ambientes, sobretudo quando se trata de práticas voltadas para a classificação e exclusão.

ALMEIDA, J. G e NHOQUE, J. R. Autoavaliação institucional: a mobilização da comunidade na definição de indicadores de qualidade. **Anais do III Congresso Nacional de Avaliação em Educação: III CONAVE**. Bauru: CECEMCA/UNESP, 2014, pp. 1 - 12. (ISBN:)

2. Dimensão Práticas pedagógicas

A segunda dimensão identificada na pesquisa foi a dimensão Práticas Pedagógicas. Nesta dimensão a escolha dos itens foi bem diversificada pelos participantes, como aponta o Gráfico 2, (p. 13)

Os dados mostram entre os alunos forte tendência no sentido de considerar como uma prática importante o uso das tecnologias. Entre os professores o uso das tecnologias é menos consensual, percebendo-se entre os professores do Fundamental II maior tendência no sentido de considerá-las como dimensão importante no trabalho escolar.

Outro item bastante indicado como definidor de uma prática pedagógica de qualidade foi o “*planejamento da aula*”. No entanto é justamente o planejamento uma das dificuldades da escola. Neste quesito reclama-se, por um lado da desorganização do sistema no que diz respeito à composição do quadro de professores antes do período destinado ao planejamento e, por outro, da qualidade dos planos de aula apresentados.

Nesta dimensão merece destaque o fato de nenhum aluno ter indicado o item “*recuperação paralela*” como item relacionado a uma boa prática pedagógica. Tal situação ratifica um problema na escola que é trazer os alunos, principalmente dos anos finais, para as aulas de recuperação. Será que os alunos deste ano ciclo não acreditam que a recuperação paralela irá ajudá-los ou têm receio do estigma que frequentar estas turmas traz? Para compreendermos este problema é preciso mais pesquisa sobre o tema.

O trabalho interdisciplinar é um item com bastante indicações dos professores como indicador de uma prática escolar de qualidade. Contudo, como já citado anteriormente é justamente no grupo de professores que encontramos o menor número de docentes optantes pela JEIF (Jornada Especial Integral de Formação) que contempla horas para formação coletiva. Desta forma, a defesa do trabalho interdisciplinar pode ser entendida, em muitos casos, como retórica.

3- Dimensão Avaliação do rendimento escolar

Outra dimensão importante na avaliação do trabalho escolar foi o rendimento dos alunos. O Gráfico 3 (p.14) sintetiza as indicações dos diversos segmentos sobre que indicadores precisariam ser considerado na avaliação desta dimensão.

Na avaliação desta dimensão o item mais indicado foi “*alfabetização na idade certa*”. Neste modo de entender, uma escola boa é uma escola que alfabetiza aqueles

ALMEIDA, J. G e NHOQUE, J. R. Autoavaliação institucional: a mobilização d7 comunidade na definição de indicadores de qualidade. **Anais do III Congresso Nacional de Avaliação em Educação: III CONAVE**. Bauru: CECEMCA/UNESP, 2014, pp. 1 - 12. (ISBN:)

que batem à sua porta dentro do tempo esperado. O grande percentual de pessoas que escolheu este item pode indicar duas coisas: primeiro, um desejo efetivo de que as crianças se alfabetizem o quanto antes; segundo, o impacto da propaganda dos sistemas na divulgação de um programa que leva este nome.

Outro destaque é que boa parte dos pesquisados valorizam muito mais as avaliações internas, realizadas na escola do que as avaliações externas como já apontaram Almeida e Nhoque (2012) e Gremelmaeir e Nhoque (2013). Entre os alunos a maior valorização das avaliações internas pode ser explicada pelo fato destas, mesmo nas séries que não reprovam, terem uma incidência mais próxima em suas vidas. São os resultados destas avaliações que os professores apresentam aos pais.

3. Dimensão Gestão democrática e participação da comunidade

Na dimensão Gestão Democrática e Participação da Comunidade, dois itens se destacam como demonstra o Gráfico 4 (p 14), “*Participação das famílias na escola*” e “*Acompanhamento do trabalho escolar*”.

De fato a necessidade de participação da família está muito presente nos discursos da escola, sobretudo dos professores e funcionários e também nos discursos sobre a escola, quer nos oficiais quer nos da academia. No entanto parece importante entender o que se pretende dizer quando se fala em participação da família na escola. Nos discursos da escola a solicitação da presença dos pais tende a relacionar-se com a ideia de que os pais devem ajudar a tomar conta dos filhos, sobretudo daqueles que não apresentam comportamento adequado ou que não estão tendo o desempenho desejado. Já nos discursos sobre a escola é possível destacar duas tendências: uma no sentido da presença da comunidade na escola como forma de controle do trabalho escolar e outra no sentido de entender essa presença como uma possibilidade de formação política da própria comunidade. A reflexão sobre os dados da pesquisa faz entender que a ideia de controle do trabalho escolar pela comunidade tem se configurado na escola como um campo de tensão.

Com relação ao acompanhamento do trabalho escolar, nota-se que este é um grande desafio da escola. Como realizar o acompanhamento do que acontece na sala de aula, dos projetos e ações definidos no projeto pedagógico, da aprendizagem dos alunos,

ALMEIDA, J. G e NHOQUE, J. R. Autoavaliação institucional: a mobilização da comunidade na definição de indicadores de qualidade. **Anais do III Congresso Nacional de Avaliação em Educação: III CONAVE**. Bauru: CECEMCA/UNESP, 2014, pp. 1 - 12. (ISBN:)

dos encaminhamentos realizados pelos professores e pela própria escola? Muitas vezes a própria estrutura dos tempos e espaços da escola são organizados de forma a atrapalhar este acompanhamento. Um exemplo disto é a forma como os resultados das avaliações externas chegam a escola: frequentemente com dois anos de atraso e em linguagem inacessível às pessoas comuns.

Embora os discursos vigentes afirmem que tais resultados devem ajudar o professor na organização do seu trabalho pedagógico, chegam na escola depois da semana de planejamento, momento que, de acordo com o calendário, é destinado à organização deste trabalho. Outro exemplo é a própria dinâmica do trabalho docente e a rotina da escola – sempre marcadas por solicitações emergenciais dos órgãos intermediários e centrais do sistema - que muitas vezes impedem que professores e equipe de gestão tenham espaço para avaliar o trabalho desenvolvido e replanejar ações em prol da aprendizagem dos alunos.

5. Dimensão: Autonomia profissional dos educadores

Foi neste item que houve mais coerência entre os pesquisados como podemos notar no gráfico Gráfico5 (p.15). Todos os itens tiveram indicações bem parecidas e alguns deles reforçam o que já foi apontado nas dimensões anteriores. É o caso do item “*Discussão coletiva das situações cotidianas*” que aponta para a valorização das decisões tomadas de forma coletivas na escola, ou pelo menos com o envolvimento maior daqueles que nela se encontram. Outro destaque é a importância dada à formação como indicação de uma escola de qualidade apontada pelo segmento ‘Funcionários’.

De fato para neste segmento pouco é investido em sua formação profissional. Embora nos discursos da e sobre a escola e mesmo na legislação seja tendência forte o entendimento segundo o qual todos aqueles que atuam na escola são educadores e precisam de formação, os processos formativos que se desenvolve na escola ou fora dela com vistas ao desenvolvimento da sua atividade fim geralmente não contam com a presença destes profissionais. Mesmo com a portaria de organização das escolas prevendo que os funcionários que trabalham na secretaria, agentes escolares e inspetores de alunos tenham momentos de formação na escola, poucas são aquelas que a propiciam. Ainda há na Rede a cultura que o dia de reunião pedagógica, onde normalmente

ALMEIDA, J. G e NHOQUE, J. R. Autoavaliação institucional: a mobilização da comunidade na definição de indicadores de qualidade. **Anais do III Congresso Nacional de Avaliação em Educação: III CONAVE**. Bauru: CECEMCA/UNESP, 2014, pp. 1 - 12. (ISBN:)

ocorrem as formações, é dia de organização de arquivos, depósitos ou limpeza da escola.

Na escola pesquisada houve uma tentativa de mudança desta cultura com a solicitação da direção para que uma vez por semana, em dia determinado, este segmento participasse dos horários coletivos, no entanto houve muita resistência, tanto por parte de professores que achavam que um espaço deles estava sendo invadido, quanto dos próprios funcionários que não compreendiam o que as discussões que ocorriam naquele espaço, principalmente as relacionadas com o fazer pedagógico, tinha haver com eles. Além disto, haviam problemas concretos como quem atenderia a secretaria ou abriria os portões enquanto eles estavam participando da formação.

Um aspecto que merece destaque na pesquisa é o fato dos funcionários como o segmento mais homogêneo quando da sua manifestação em todas as dimensões da avaliação, sobretudo quando foram chamados a opinar sobre questões relacionadas ao fazer pedagógico e à gestão da escola. A pesquisa reforça a ideia de que a sua participação nas instancias onde se discute essas questões pode revelar-se contribuição importante. Desta forma a sua não participação ou incômodo quando participam parece está relacionada com uma certa predominância da cultura aristocrática na escola que atribui maior importância às opiniões daqueles que possuem maior grau de escolaridade. Por tratar-se de um segmento geralmente com baixo grau de escolaridade, nos espaços formais, podem ser subalternizado e, por temer situações de constrangimento, acabam se retraindo em uma aparente atitude de conformação.

6. Dimensão: Cidadania ativa na escola

Finalmente foi colhida as impressões da escola sobre uma dimensão que, no processo de identificação das dimensões que seriam avaliadas emergiu como muito importante, que é a dimensão Cidadania Ativa na Escola, como é possível observar no Gráfico 6 (p.15). Por ocasião do redimensionamento do projeto pedagógico houve grande polêmica com relação a este item. Estabeleceu-se um campo de tensão entre a direção da escola e os professores que culminou com a redefinição, por insistência dos professores, do nome do projeto pedagógico que passou de “*Aprendizagem significativa: a melhoria da qualidade da escola pública*” para “*Aprendizagem significativa e a formação do cidadão*”. Aparentemente a mudança de nome

ALMEIDA, J. G e NHOQUE, J. R. Autoavaliação institucional: a mobilização 10 comunidade na definição de indicadores de qualidade. *Anais do III Congresso Nacional de Avaliação em Educação: III CONAVE*. Bauru: CECEMCA/UNESP, 2014, pp. 1 - 12. (ISBN:)

configurava-se como a consolidação de uma tendência mais progressista dentro da escola. No entanto, quando solicitados a propor os indicadores de qualidade para avaliar esta dimensão o item “*conhecimento e defesa dos próprios direitos*” pelos alunos não recebeu indicação dos professores. Essa situação revelou incoerência com os discursos bastante inflamados durante as discussões e fez entender que a defesa da cidadania era apenas retórica.

Há na escola o discurso segundo o qual os alunos têm muitos direitos e poucos deveres, que os que não querem estudar “atrapalham os que querem” e que é preciso regras disciplinares mais rígidas, de modo a garantir o direito de quem deseja estudar, contrariando o preceito constitucional de garantia do direito de todos. Os dados revelam que a defesa da cidadania estava ancorada na ideia de que cidadãos são os alunos que querem estudar e que precisam ter seus direitos garantidos e que aqueles que “não querem estudar” devem deixar o espaço para os que querem. Estabeleceu-se assim um campo de tensão importante e que levou ao entendimento de que nem sempre o discurso que se apresenta como progressista está fundamentado em princípios progressistas.

Almeida (2010) discutindo os discursos e práticas da escola aponta que em muitas situações os conceitos ligados a uma visão democrática de educação são utilizados nos discursos cotidianos não para comunicar uma prática inclusiva, mas sobretudo para blindar práticas excludentes, como vemos a seguir.

Assim é comum expressões como formar cidadão crítico e participativo, desenvolver atividades que incentivem o protagonismo infanto-juvenil e favorecimento da apropriação do espaço escolar pela comunidade, conviver com atitudes do tipo “ficar calado para não perder a razão”, evitar reclamação para não sofrer represálias, convocação das famílias para resolver situações decorrentes da má gestão dos conflitos inerentes ao processo educacional pela escola. (ALMEIDA, 2011 p. 69).

Assim é possível entender que a troca de nome do projeto antes de revelar um desejo efetivo de promover a cidadania ativa, buscou esconder práticas que emergiam na organização do cotidiano da escola.

Considerações Finais

O desenvolvimento da pesquisa cujos resultados apresentamos neste artigo ajudou na compreensão da dinâmica da escola, mostrando que é possível uma escola pública identificar dimensões de avaliação institucional e criar indicadores de avaliação destas dimensões. Neste sentido mostrou-se de grande relevância para os educadores, pais e alunos diretamente envolvidos e também para outras pessoas interessadas no tema

ALMEIDA, J. G e NHOQUE, J. R. Autoavaliação institucional: a mobilização **11** comunidade na definição de indicadores de qualidade. **Anais do III Congresso Nacional de Avaliação em Educação: III CONAVE**. Bauru: CECEMCA/UNESP, 2014, pp. 1 - 12. (ISBN:)

uma vez que além dos seminários organizados também deixa publicações às quais os interessados podem ter acesso.

O projeto foi desenvolvido por meio de intensa parceria envolvendo a universidade e os profissionais da rede pública que atuam como docentes, gestores e outras atividades inerentes ao trabalho escolar, além dos alunos e seus pais. Para isso foi realizado um amplo debate com a comunidade escolar e que se estendeu para outras unidades escolares e mesmo outras instituições que formam a rede de proteção integral na região. Desta forma é possível afirmar que os objetivos da pesquisa foram atingidos, isto é, é possível a escola, por meio de amplo debate com sua comunidade identificar dimensões institucionais de avaliação e pensar indicadores próprios de qualidade.

A pesquisa revelou que uma das dificuldades do trabalho escolar são as trocas de profissionais no decorrer do ano letivo. Essas trocas frequentemente geram perdas que interferem negativamente na dinâmica de trabalho. Muitos profissionais que planejam atividades no início de um ano letivo nem sempre ficam durante o seu desenvolvimento e avaliação. Por motivos pessoais ou profissionais acabam deixando as atividades no meio do processo.

O desenvolvimento do projeto evidencia claramente esta situação. Essas trocas, como já citado, gera algumas perdas dentre as quais vale destacar as seguintes: a primeira delas está relacionada à saída de um profissional que encontra-se inserido na dinâmica de trabalho. Frequentemente em seu lugar a escola recebe um profissional que não está interessado naquele projeto ou tem outros compromissos e a escola acaba não podendo contar com ele. Quando a escola recebe um profissional interessado e disponível, a sua inserção não é tranquila porque é preciso informá-lo sobre um processo que se encontra em andamento, o que acaba gerando uma certa perda.

Outro problema relacionado ao profissional que chega diz respeito ao seu perfil profissional e também da sua escola de origem. Há na região onde fica a escola pesquisada, como nas diversas regiões da cidade, escolas consideradas organizadas, seguras, onde os professores e gestores preferem trabalhar e os pais preferem matricular seus filhos, definidas em pesquisa do Cenpec (2011) como “exteriorizadores” e escolas consideradas desorganizadas, violentas onde grande parte dos profissionais não desejam

ALMEIDA, J. G e NHOQUE, J. R. Autoavaliação institucional: a mobilização 12 comunidade na definição de indicadores de qualidade. **Anais do III Congresso Nacional de Avaliação em Educação: III CONAVE**. Bauru: CECEMCA/UNESP, 2014, pp. 1 - 12. (ISBN:)

trabalhar e também há entre as famílias uma tendência no sentido de resistir a matricular seus filhos e filhas, definidas na mesma pesquisa como “decantadoras”.

Quando a escola recebe profissionais das chamadas escolas “exteriorizadoras” estes chegam com a empáfia da cultura da escola de origem e frequentemente encontram respaldo no interior da escola. Se encontra na escola um projeto que busca inserir na sua dinâmica algum sinal de inovação que está incomodando setores cuja zona de conforto vem sendo questionada é possível que este profissional lidere um processo de resistência e crie um campo de tensão no interior da escola. É o que parece ter acontecido em diversos momentos na escola.

A pesquisa mostrou-se relevante para os que dela participaram diretamente na medida que contribuiu para a formação enquanto docentes e pesquisadores e apresentou a pesquisa como uma realidade possível e como meio de encontrar significado para as atividades que desenvolve. Outro ganho importante para os envolvidos na pesquisa foi a possibilidade de inserção no mundo acadêmico. Alguns destes profissionais ingressaram no Mestrado como forma de desenvolver aspectos da pesquisa que consideram relevantes.

Ela também mostrou-se relevante para a própria unidade escolar que pode diferenciar-se na região como um espaço de debate e produção de conhecimento. Professores que participaram do projeto foram convidados pela própria Diretoria Regional de Educação para apresentarem o projeto de autoavaliação desenvolvido na escola.

Finalmente é possível identificar relevância do projeto também para outras escolas tanto pela participação de atividades desenvolvida a partir do projeto e abertas para outras participações quanto pelas publicações dele decorrentes, pelas apresentações em congressos que possibilitam a transferência daquilo que foi construído.

ALMEIDA, J. G e NHOQUE, J. R. Autoavaliação institucional: a mobilização da comunidade na definição de indicadores de qualidade. **Anais do III Congresso Nacional de Avaliação em Educação: III CONAVE**. Bauru: CECEMCA/UNESP, 2014, pp. 1 - 12. (ISBN:)

Referências

AÇÃO EDUCATIVA, UNICEF, PNUD, INEP/MEC (organizadores). **Indicadores de qualidade na educação. São Paulo: Ação Educativa, 2004.**

ALMEIDA, Julio Gomes e NHOQUE, Janete Ribeiro. Avaliações externas: impactos em uma escola municipal de São Paulo. **Revista Ambiente e Educação**. São Paulo, v.5,nº 1, jan/jun, 2012. Disponível em <<http://www.cidadesp.edu.br/revistaambienteeducacao>>Data de acesso: 15/10/2012.

ALMEIDA, Julio Gomes.A Ação Supervisora como intervenção nas práticas escolares. **Revista APASE**, São Paulo, ano X, n. 12, p.69-70 , abril. 2011.

CENPEC. **Educação em territórios de alta vulnerabilidade social na metrópole**. São Paulo:CENPEC, 2011.

GREMELMAEIR, Carolina do Nascimento e NHOQUE, Janete Ribeiro. AVALIAÇÕES NA ESCOLA: o que pensam os alunos? In: **VIII Encontro Ibero-americano de Educação**, realizado na Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP, Campus de Araraquara – SP, no período de 13 a 16 de novembro de 2013.

MEC/SECAD/DAIE.**Texto referencial para avaliação, monitoramento e acompanhamento – caderno de estudos temático**.Disponível na internet em:<http://proeaprg.files.wordpress.com/2013/02/texto-de-maria-das-grac3a7as-ruas.pdf>, acessado em 17/12/2013.

Anexos

Gráfico 1 –referente a página 04

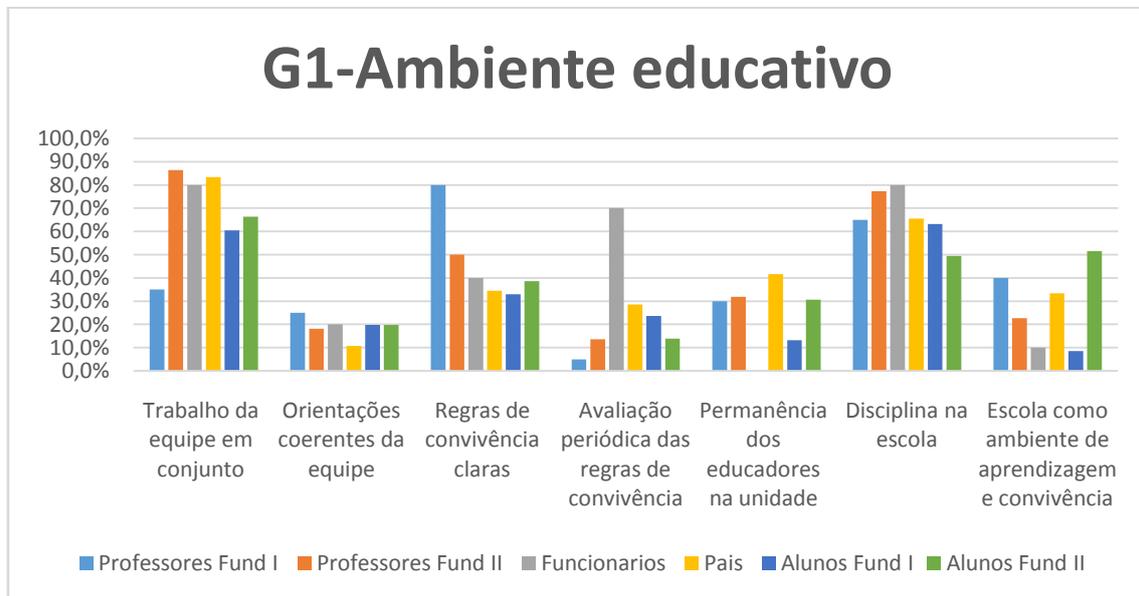


Gráfico 2 - referente a página 08

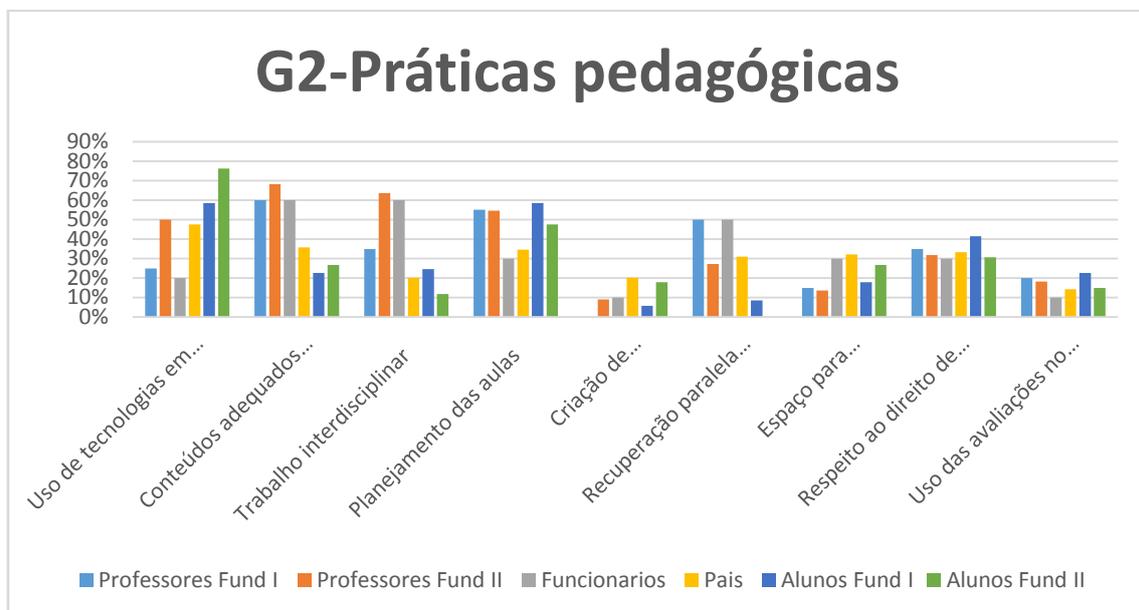


Gráfico 3 - referente a página 06

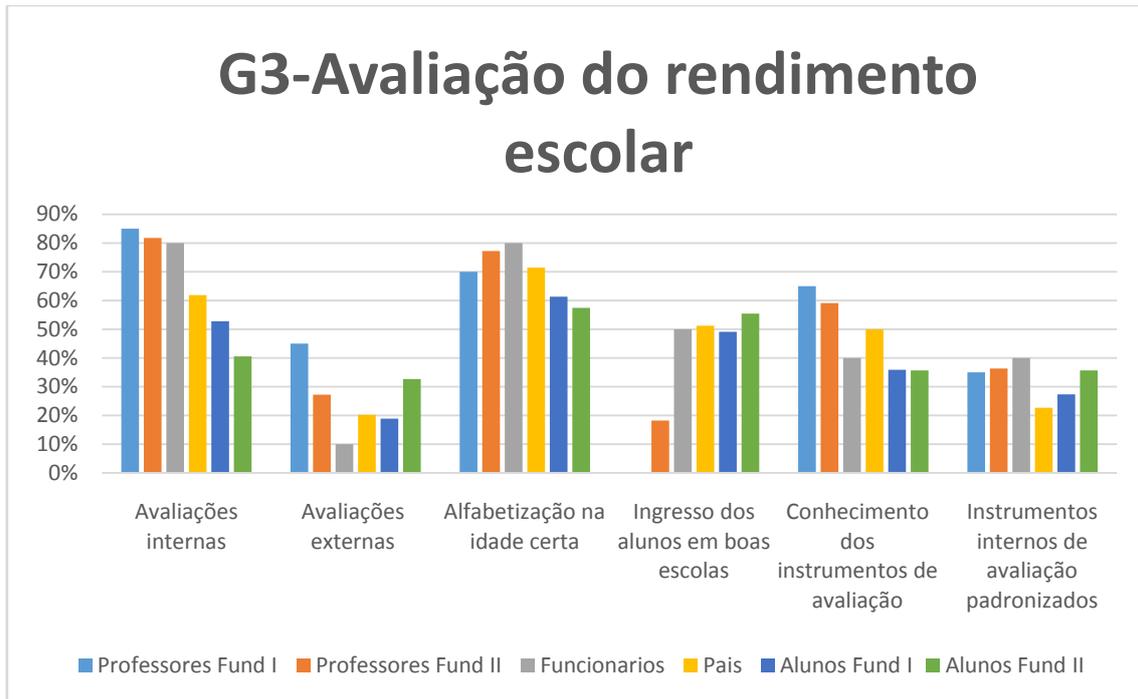


Gráfico 4 - referente a página 06

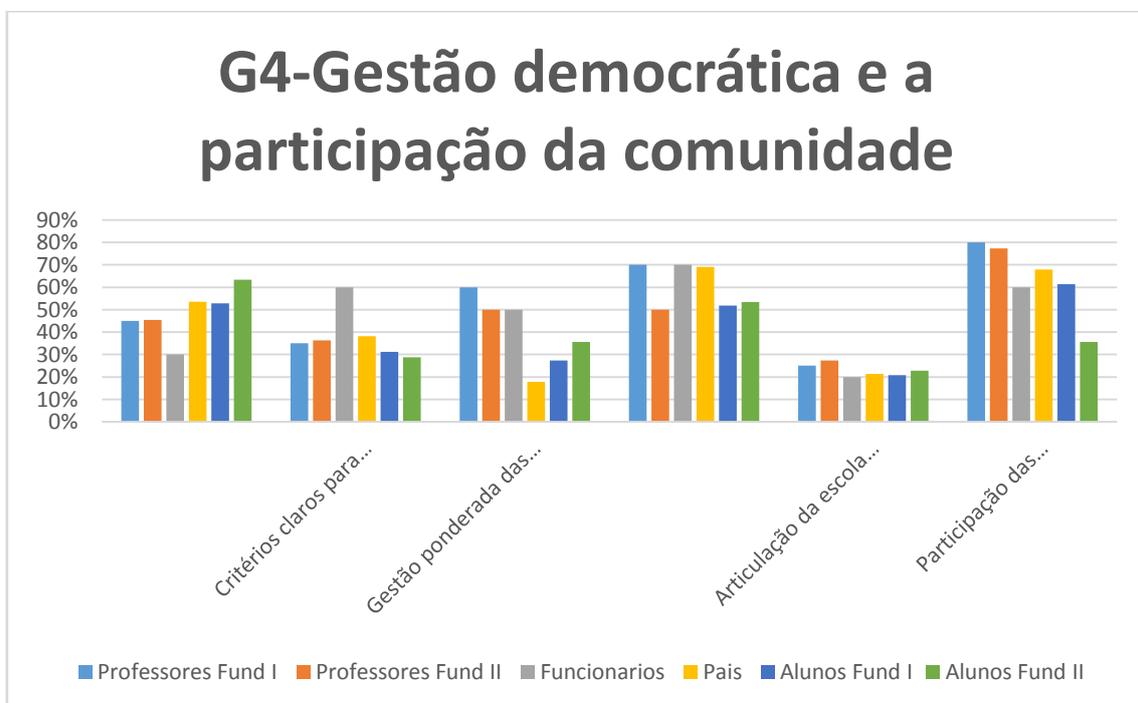


Gráfico 5 - referente a página 07

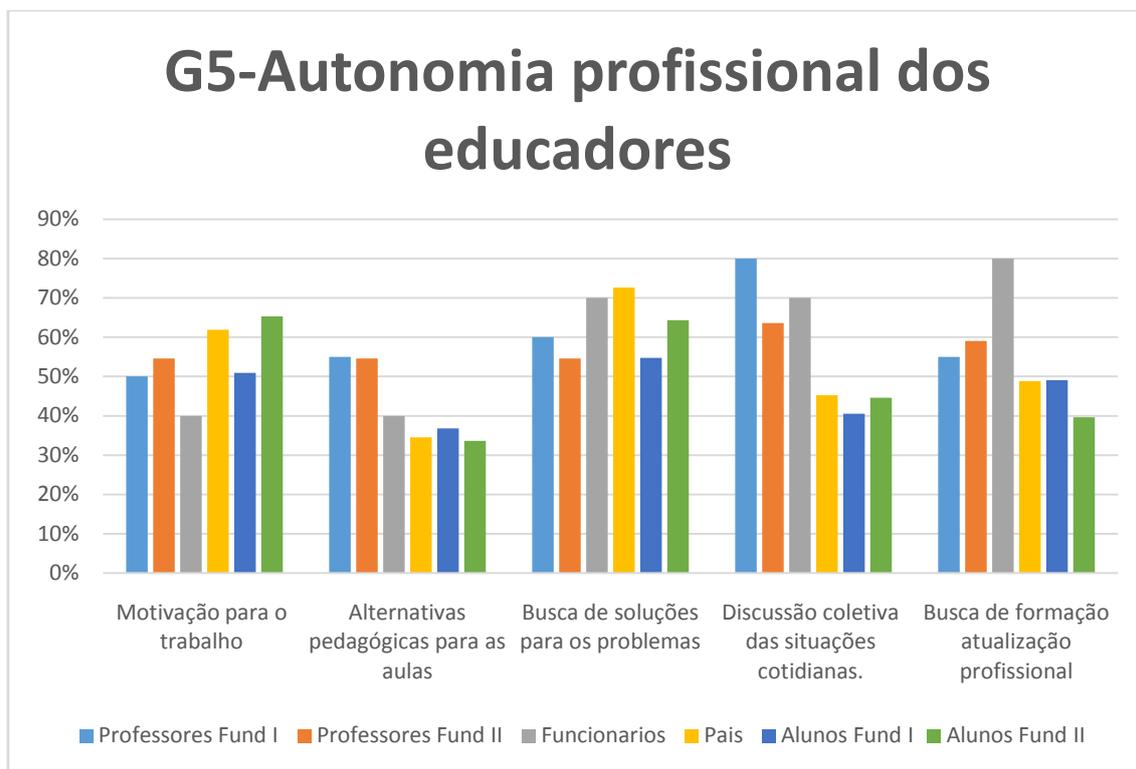


Gráfico 6 - referente a página 08

